

## O USO DAS PREPOSIÇÕES E SUAS VARIANTES: DA ORALIDADE ÀS NORMAS GRAMÁTICAS

Artur Neves do Amaral e Silva (Autor 1); Marinaldo de Souza Silva (Co-autor 1)

*Faculdade Frassinetti do Recife*

*Universidade Federal da Paraíba*

[turi19@globo.com](mailto:turi19@globo.com)

[marcultura273@gmail.com](mailto:marcultura273@gmail.com)

### Resumo

O presente trabalho visa analisar a variação linguística no uso de preposições posposto ao verbo **ir**, que indicam movimento, tendo como ponto de partida, a oralidade dos discentes para o reconhecimento do uso efetivo das preposições nas modalidades oral e escrita, com os alunos do 9º ano das séries finais do Ensino Fundamental em uma Escola Municipal, localizada na cidade de Areia, Paraíba. Diante do exposto acima, adotamos como aportes teóricos: Bagno (2005; 2006), Bortoni-Ricardo (2005), Faraco (2008), Neves (2000; 2003), Travaglia (2001), dentre outros que irão nos subsidiar tanto nos conteúdos conceituais, atitudinais e procedimentais, conforme iremos nos fundamentar nas discussões de nosso artigo. Os procedimentos metodológicos da coleta de dados da referida pesquisa, deu-se a partir da aplicação de uma atividade diagnóstica, que permitiu ao aluno a escolha dos usos das preposições, depois do verbo **ir**, mais comuns na oralidade e qual seria a mais correta de acordo com a gramática normativa. O resultado foi representado em porcentagens, através de tabelas de acordo os dados coletados. Após a aplicação da atividade, promovemos um diálogo sobre os usos da língua e suas variações, tanto na modalidade escrita quanto na modalidade oral, mostrando as variações linguísticas que ocorrem em todas as regiões do Brasil, influenciadas historicamente, socialmente e culturalmente. Em seguida, foi abordada a gramática de uso, oportunizando uma reflexão dos usos efetivos da língua conjuntamente com a gramática normativa, atentando sua importância para a produção escrita em diferentes contextos.

**Palavras-chave:** Oralidade, Variação linguística, Preposição, Gramática normativa, Ensino.

### Introdução

No prelúdio, as gramáticas tinham a intenção de regularizar e homogeneizar o uso da língua, padronizando não somente a escrita como a oralidade, que segundo Neves (2003, p. 56): “surgiram os manuais de gramática, não como ciência, mas como técnica e arte”. A ideologia da boa linguagem não é considerada atualmente, pois o ensino de língua portuguesa, apesar de suas raridades, está se voltando ao ensino das variações linguísticas. Mas, não como aquelas taxadas como “certas” e “erradas” (BAGNO, 2006, p. 16) e sim como as mais

adequadas e inadequadas, partindo do pressuposto da valorização da língua e suas variantes.

Nesse sentido, trabalhar a oralidade para se chegar às normas tornam-se facilmente compreensíveis por parte dos alunos que, a partir de então passarão a compreender as variedades da nossa língua.

O presente trabalho visa analisar a variação linguística no uso de preposições posposto ao verbo **ir**, que indicam movimento, tendo como ponto de partida, a oralidade dos discentes para o reconhecimento do uso efetivo das preposições nas modalidades oral e escrita, com os alunos do 9º ano das séries finais do Ensino Fundamental em uma Escola Municipal, localizada na cidade de Areia, Paraíba.

Diante do exposto acima, adotamos como aportes teóricos: Bagno (2005; 2006), Bortoni-Ricardo (2005), Faraco (2008), Neves (2000; 2003), Travaglia (2001), dentre outros que irão nos subsidiar tanto nos conteúdos conceituais, atitudinais e procedimentais, conforme iremos abordar nas discussões de nosso artigo.

## **Metodologia**

Os procedimentos metodológicos da coleta de dados da referida pesquisa, deu-se a partir da aplicação de uma atividade diagnóstica (em anexo), que permitiu ao aluno a escolha dos usos das preposições, depois do verbo **ir**, mais comuns na oralidade e qual seria a mais correta de acordo com a gramática normativa. O resultado será representado em porcentagens através de tabelas de acordo os dados coletados, conforme veremos a seguir:

## **Anexo 1**

**Tabela 1 - Uso de preposições depois do verbo ir, consideradas mais usadas na oralidade pelos alunos**

1. Assinale com um (x) a opção que você considera mais usada na oralidade.

<b>OPÇÕES</b>	<b>Quantidade</b>	<b>%</b>
a) Vou pra escola		
b) Vou à escola		
c) Vou para escola		
d) Vou na escola		

## Total

---

**Fonte:** Pesquisa realizada com alunos de 9º ano da Escola X, em Areia, Pb (2017).

## Anexo 2

### Tabela 2 - Uso de preposições depois do verbo ir, consideradas mais adequadas de acordo com a língua padrão ensinada na escola

2. Qual das opções abaixo você considera mais adequada de acordo com a língua padrão ensinada na escola?

OPÇÕES	Quantidade	%
(a) Vou pra escola		
(b) Voa à escola		
(c) Vou para escola		
(d) Vou na escola		

## Total

---

**Fonte:** Pesquisa realizada com alunos de 9º ano da Escola X, em Areia, Pb (2017).

A tabela 1 (em anexo), intitulada “Uso de preposições depois do verbo ir consideradas mais comuns na oralidade”, com enunciados que pede que o aluno assinale as opções que considera mais comum na oralidade e a Tabela 2 (em anexo), intitulada “Marcar a opção que considera correta de acordo com a gramática normativa ensinada nas escolas”. Os enunciados estão expostos nos itens: *a) vou pra escola; b) vou à escola c) vou para escola e d) vou na escola.*

Após a aplicação da atividade, promovemos um diálogo sobre os usos da língua e suas variações, tanto na modalidade escrita quanto na modalidade oral, mostrando as variações linguísticas que ocorrem em todas as regiões do Brasil, influenciadas historicamente, socialmente e culturalmente. Em seguida, foi abordada a gramática de uso (NEVES, 2003), oportunizando uma reflexão dos usos efetivos da língua conjuntamente com a gramática normativa, atentando sua importância para a produção escrita em diferentes contextos.

## Resultados e Discussão

Travaglia (2001, p. 107-234), defende a importância do ensino de língua portuguesa, baseados nos diferentes tipos de gramáticas, como: a gramática de uso, a gramática teórica, a gramática reflexiva e normativa, levando o aluno a refletir e compreender o uso efetivo da língua em suas diferentes modalidades. A língua portuguesa brasileira recebeu influências de outras culturas que refletem nas variações linguísticas. Bortoni-Ricardo (2005, p. 39), assegura que as variações têm suas particularidades:

Os estudos dialetológicos realizados no Brasil nas primeiras décadas do século XX identificavam na ecologia linguística nacional diversas variedades, consideradas distintas entre si, a que atribuíam as denominações de “português culto”, “português popular”, “português dialetal” etc.

Essas denominações preocupam-se apenas com o uso da língua sem levar em consideração as influências regionais, sociais e culturais que interferem na língua em determinadas localidades. Não existe, portanto, uma língua “pura”, pois cada região tem suas variedades e sua importância histórica em sua formação linguística, através das influências já citadas acima.

Diante de uma gama de denominações sobre as variedades e quais variedades linguísticas presente no português, cabe à escola ensinar a língua em seu uso como ponto de partida para se chegar à modalidade escrita de acordo com as normas gramaticais.

Travaglia (2001, p. 41) defende justamente a importância de se trabalhar com o ensino de língua em suas variedades linguísticas:

Todavia, se se acredita que em diferentes tipos de situação tem-se ou deve-se usar a língua de modos variados, não há por que, ao realizar as atividades de ensino e aprendizagem da língua materna, insistir no trabalho apenas com uma das variedades, a norma culta, discutindo apenas suas características e buscando apenas o seu domínio em detrimento das outras formas de uso da língua que podem ser mais adequadas a determinadas situações. Não cabe o argumento de trabalhar apenas com a norma culta porque o aluno já domina as demais: isso não é verdade, uma vez que o aluno, quando chega à escola, pode dominar bem uma ou duas variedades e alguns elementos de várias, mas sempre tem muito que aprender de diversas variedades, inclusive das que domina.

Portanto, a metodologia do professor de língua portuguesa deve partir do conhecimento linguístico dos alunos para permitir uma inter-relação das variantes encontradas na língua portuguesa brasileira, tendo em vista as várias formas de uso em diferentes locais como: o uso da língua padrão em uma audiência, na produção de uma carta aberta, apresentação de trabalhos e o uso da língua materna, na produção de um bilhete para um amigo, da gramática de uso na produção de uma notícia ou entrevista.

Enfim, o aluno saberá fazer uso da escrita numa sociedade letrada.

Assim sendo, ao observarmos a língua em uso, percebemos uma grande diferença entre o que a gramática propõe e o que os discentes realmente usam em seus discursos. Nos diálogos em sala de aula, percebemos uma forte tendência na oralidade dos discentes, no emprego da preposição **para** reduzido em “**pra**” após os verbos que indicam movimento.. Assim sendo, é de extrema importância o estudo da Regência Verbal, tendo como objeto de estudo o emprego de preposições diante de verbos que denotam movimento, como o verbo **ir**, oportunizando aos alunos a compreensão da variação linguística presente em nossa língua. Desta forma, iremos tratar da regência verbal, segundo os gramáticos Evanildo Bechara (1999), Paquale e Ulisses (2008), Ernani e Nicola (1996), dentre outros.

### **Regência Verbal – uso de preposições depois de verbos que indicam movimento**

De acordo com o gramático Evanildo Bechara (1999, p. 308-317), o verbo **ir** pede a preposição **a** ou **para**, depois do verbo **ir** e outros que denotam movimento. A preposição **a** ora denota simples direção, ora envolve a ideia de retorno. A preposição **para** lança a atenção de nosso ouvinte para o ponto terminal do movimento ou não condiciona a ideia de volta ao local de partida. Nesta última acepção, pode trazer para a ideia de transferência demorada ou definitiva para o lugar, que segundo o gramático Bechara, se faz necessária evitar a construção popular, como por exemplo: Fui **na** escola.

Na visão dos gramáticos Pasquale e Ulisses (2008, p. 319), o verbo **ir**, no dia a dia, no Brasil, é muito comum “ir em algum lugar” ( “fui **no** cinema”, fui **na** praia”). Na língua culta, porém, o verbo **ir** rege as preposições **a** e **para**: “fui **ao** cinema” “ele foi **para a** Grécia”. A diferença entre o uso culto, formal e o coloquial é um dos principais objetivos do estudo da regência. **Chegar** e **ir** são normalmente acompanhados de adjunto adverbiais de lugar. Na língua culta, as preposições usada para indicar direção ou destino são **a** e **para**.

Segundo Ernani e Nicola (1996, p. 325), “o verbo **ir** exige as preposições **a** ou **para**”. Constrói-se com a preposição **a** quando se quer dar o sentido de não demorar. Quando se quer o sentido de estabelecer residência, demorar constrói-se com a preposição **para**.

Nesse sentido, usamos uma visão sóciointeracionista (PONTES, p. 61) na realização da presente pesquisa. Dessa forma, partimos do conhecimento prévio do aluno acerca da oralidade

para o uso adequado das preposições apresentadas, de acordo com a gramática normativa, compreendendo assim, que, a gramática é apenas o caminho para chegar ao uso efetivo da língua em diferentes contextos, analisando os dados coletados em nossa pesquisa, conforme analisamos a seguir:

Com base na coleta dos dados, os resultados não foram diferentes do esperado, tendo em vista a confirmação do uso efetivo da preposição **para** reduzido para o uso “**pra**”, ocorrendo assim, a supressão da vogal “**a**” entre as consoantes. Embora tenham conhecimento do uso efetivo da preposição **à** posposto ao verbo, indicando movimento, como nos exemplos da tabela. Os sujeitos participantes da pesquisa são alunos na faixa etária entre 14 e 16 anos, pertencentes a uma turma do 9º ano do Ensino Fundamental, no turno matutino, procedentes de comunidades vizinhas e de discentes que residem no próprio bairro onde a escola está situada. De acordo com o Projeto Político Pedagógico da referida escola, os discentes são oriundos da classe de baixa renda e muitos não têm o hábito da leitura, acarretando dificuldades ao realizarem as atividades solicitadas diariamente, tanto nas atividades orais quanto nas atividades escritas, levando-os a saber fazer uso das modalidades orais às normas gramaticais e outros não.

Na tabela 1 a seguir é possível observar os resultados da pesquisa em todas as opções que os alunos consideram mais usuais na oralidade

**Tabela 1 - Uso de preposições depois do verbo ir, consideradas mais usuais na oralidade pelos alunos**

1. Assinale com um (x) a opção que você considera mais usual na oralidade.

OPÇÕES	Quantidade	%
a) Vou pra escola	<b>9</b>	<b>60%</b>
b) Vou à escola	<b>2</b>	<b>13,33</b>
c) Vou para escola	<b>2</b>	<b>13,33</b>
d) Vou na escola	<b>2</b>	<b>13,33</b>
<b>Total</b>	<b>15</b>	<b>100%</b>

**Fonte:** Pesquisa realizada com alunos de 9º ano da Escola X, em Areia, Pb (2017).

A Tabela 1 apresenta os resultados da pesquisa e a predominância do uso da preposição **para** reduzido em “**pra**” na opção “a” *Vou pra escola*, com 60% dos resultados. Já na opção “b” *Vou à escola*, que de acordo com as

gramáticas normativas é a opção mais adequada, por ser uma junção de preposição mais artigo “a” e que por isso recebeu o acento crase, atingiu apenas 13,33%.

Enquanto na opção “c”, *Vou para escola*, o uso da preposição “**para**” sem a preposição “**a**” deixa a frase inadequada de acordo com a gramática normativa, apresenta o resultado de 13,33%. Na última opção: *Vou na escola* apresenta o mesmo resultado que as opções “b” e “c”. Constatamos, portanto, que para os alunos o uso do “pra” é comum no uso da oralidade.

**Tabela 2 - Uso de preposições depois do verbo ir, consideradas mais adequadas de acordo com a língua padrão ensinada na escola**

2. Qual das opções abaixo você considera mais adequada de acordo com a língua padrão ensinada na escola?

OPÇÕES	Quantidade	%
(a) Vou pra escola	1	7%
(b) Vou à escola	9	60%
(c) Vou para escola	3	20%
(d) Vou na escola	2	13%
<b>Total</b>	<b>15</b>	<b>100%</b>

**Fonte:** Pesquisa realizada com alunos de 9º ano da Escola X, em Areia, Pb (2017).

A Tabela 2 mostra um resultado surpreendente. A opção “a” *Vou pra escola* teve um resultado de 7% enquanto que na tabela 1, a opção “a” superou com 60%. Na opção “b” *Vou à escola*, obteve-se a porcentagem 60%, superando a opção “b” em relação à Tabela 1. Já na opção “c” *Vou para escola* atingiu 20% maior que o resultado da Tabela 1 no mesmo item. Por fim, a opção “d” *Vou na escola*, obteve apenas 13% dos resultados.

Comparando os resultados, a Tabela 1, na opção “a” (*Vou pra escola*), nove alunos concordam que na oralidade usa-se a expressão “pra”, com o índice elevado de 60% em relação ao mesmo item da Tabela 2 que, por sua vez, compreende o uso adequado de acordo com as normas gramaticais que atingiu apenas 7%, ou seja apenas 1 aluno achou que seria adequado o uso do “pra”. Ressaltando que foram os mesmos alunos que preencheram as referidas tabelas.

Já os resultados da opção “b” (*Vou à escola*) nas duas tabelas houve uma discrepância nos índices, enquanto na tabela 1, apenas dois alunos concordam que o uso na preposição **à** na oralidade com 13,33% e na tabela 2 o índice foi de 60%, ou seja, um número bem elevado da turma sabe usar adequadamente as preposições. Comprovando, então, que os alunos têm consciência que na oralidade não se usa a preposição **a** após o verbo **ir**. Na opção “c” (*Vou para escola*) nas duas tabelas tiveram uma pequena mudança nos resultados. Já na opção “d”, os resultados praticamente permaneceram os mesmos.

Desse modo, apresentamos as variantes aceitas pela sociedade, de modo geral, levando-se em considerações os diferentes gêneros, tipologias textuais e do uso das preposições após o verbo **ir**. Nesse sentido, o verbo exige, por sua vez, as preposições que são acompanhadas, de acordo com a gramática normativa, por substantivos que representam uma distância entre o falante, ou o sujeito e o local a que se destina, pois, as preposições citadas têm a ideia de movimento/ ação.

No caso da opção “b” das tabelas, a frase é composta por crase, pelo fato de ser uma preposição “a”, palavra invariável que liga dois termos de uma oração, mais o artigo “a” que neste caso, acompanha o substantivo *escola*, e que por esse motivo houve a junção e o acréscimo do acento crase na vogal “à”. Fizemos alguns exemplos no quadro para explicar mais detalhadamente.

Diante dos usos comuns da preposição “**na**” na oralidade, costuma-se pronunciar da seguinte maneira: fui na praia; fui no cinema, vou no banheiro, acompanhados de substantivos – praia, cinema e banheiro, para indicar destino. Mas, visualizando, as frases transmitem a ideia de estar **em cima** da praia, do cinema e do banheiro. Portanto, o uso da preposição **na**, muito usada na oralidade, deve ser substituída pelas preposições **à** ou **para a** que de acordo com os gramáticos indicam destino.

Já nas frases - Vou **no** cavalo, Vou **no** elevador - a preposição **no** está sendo usada com intenção de em cima ou dentro. Por exemplo: Vou **em cima** do cavalo; Vou **dentro** do elevador, acompanhados de substantivos. Visualizando as frases, concluímos que, as preposições **na** e **no**, nas construções acima, indicam escolha de transporte e não de destino, indicando movimento ou ponto de chegada. Por isso, seu uso após do verbo **ir** não está correto e o mesmo deve ser substituído pelas preposições adequadas “**à**” ou “**para a**”.

Observa-se, portanto, que as definições quanto à preposição estão convergentes, e que o uso das preposições **a** e **para** pospostas ao verbo **ir** indicam localidade “indo a algum lugar” de acordo com a norma culta e padrão e que por isso o uso da preposição “**na**” está inadequada por não indicar movimento.

Os discentes compreenderam as variações e fizeram bastantes indagações acerca dos sotaques encontradas nas regiões do Brasil. Fizemos uma explanação sobre essas variações e que por sua vez, sofrem influências históricas, sociais e culturas, como já foi dito. E que essas variações não devem ser estereotipadas como “erradas” ou “feias”, pois cada região tem seu valor histórico e que o respeito deve prevalecer, não existindo o preconceito linguístico (BAGNO, 2006, p. 40).

Concluimos assim, que os alunos sabem dos diferentes usos da língua e que as normas ensinadas na escola prevalecem na escrita. Nesse sentido, souberam diferenciar seus usos, como mostram as tabelas. Concordando assim, com Travaglia (2001, p. 41) ao afirmar que o ensino da Língua Portuguesa deve compreender as várias formas de uso da língua, para que o aluno seja capaz de fazer uso das variedades linguísticas em diferentes situações comunicativas.

## **Conclusões**

O estudo da gramática normativa nas escolas segue as normas do uso efetivo da língua na modalidade escrita e que podem ser influenciadas na oralidade de acordo com seus usos em diferentes contextos. Notamos portanto, que a oralidade não acompanha todas essas normas, por muitos motivos, como as influências históricas, sociais e culturais.

Constatamos, então, na pesquisa que realmente a oralidade continua tendo suas especificidades, mas que nem por isso, as normas são esquecidas ou não estejam em uso. Um dado importante a ser ressaltado é a consciência do uso das normas na língua por parte dos alunos, uma vez que, os resultados obtidos, nos mostram que eles sabem o uso adequado das preposições e, que as regras gramaticais, na oralidade não são usadas pela maioria dos educandos.

Por fim, a pesquisa possibilitou constatar que o ensino de língua portuguesa na escola ainda continua arraigado à norma padrão, ou seja, os alunos compreendem o uso da língua na oralidade e tem consciência de que na escrita devem utilizar as normas que são apreendidas no ambiente escolar.

Nessa perspectiva, a escola, portanto, deve mostrar para os alunos os diferentes usos da língua e seus suportes, direcionando dessa forma, aos significados e objetivos de cada gênero, atentando para seus possíveis leitores e atingindo seus interesses comunicativos. Assim sendo, a oralidade estará presente, em alguns suportes, como textos jornalísticos, notícias, reportagens e do mesmo modo, a norma padrão estará presente em textos literários como livros, artigos científicos, dentre outros. E diante dessas variações o interesse maior é a comunicação que não deve ser prejudicada entre os falantes/leitores

## Referências

BAGNO, Marcos. **Português ou brasileiro? Um convite à pesquisa**. 4ª edição. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

\_\_\_\_\_. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. 47ª edição. São Paulo: Loyola, 2006.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37ª ed. revisada. e ampliada. Rio de Janeiro: Lucerna: 1999.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. A língua portuguesa no Brasil; Um modelo para a análise sociolinguística do português brasileiro: ----- **Nós chegemos na escola, e agora?** Sociolinguística e educação. 2ª edição. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 31-52.

CIPRO NETO, Pasquale e INFANTE, Ulisses. **Gramática da Língua Portuguesa**. 3ª edição. São Paulo: Scipione, 2008 (Novo Acordo Ortográfico).

FARACO, Carlos Alberto. **Norma culta brasileira – desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de usos do português**. São Paulo: UNESP, 2000.

\_\_\_\_\_. **Que gramática estudar na escola? Norma e uso da língua portuguesa**, São Paulo: Contexto, 2003.

PONTES, Jadimilson Teodoro; SANTOS, Manoel Messias dos; COSTA, Marcos Roberto da; Duarte, Roseane Martins; TAETS, Silvana Pinheiro. Disponível em: <http://facevv.cneec.br/wp-content/uploads/sites/52/2015/10/A-PERSPECTIVA-S%C3%93CIO-INTERACIONISTA-EM-CONTRAPOSI%C3%87%C3%83O-AO-ENSINO.pdf>. Acessado em: 18 set. 2017.

(Artigo Científico)



TERRA, Ermani e NICOLA, José de. **Gramática e literatura para o 2º grau**. São Paulo: Scipione, 1996.

TRAVAGLIA, L. C. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino no 1º e 2º graus**. SP: Cortez, 2001.